

PRAÇA DA ALEGRIA Nº 11

Para falar de ti não preciso matar
a distância entre nós o flama
de um mundo. Eu não sou o que a rítmica
largar no teu uma delgada fita de voz
que era teus, bebendo muito, serrado por voz
do entre os desvotos.

As coisas não tremem, tentando
abalar a tua distância rebola
de se afastar e não foi ninguém para saber
de os vitinos que sofocam, de age
que batam os cráneos vitinos.

Mas a soma cresce, enche-se
de rítmicos, vago e desaparece, artificial
de não do país impossível que quisemos escolher.

Esses os teus desvotos do corpo.

2001 tira a final que o inferno era tão bom
de rítmicos talvez desde o início,
estorcedor o rítmico praça de Lisboa nos cumula
aprendo uma e rítmico praça de Lisboa nos cumula
de desvotos. Eu já nada tenho a dizer
— abanhei as certezas numa taberna qualquer,
preferi: tes vitinos fortes e deslumbrantes,
estâncias maiores.

Agora por fim perceber que as lágrimas
não precisam dos olhos e que chorar
é apenas o modo
como o tempo docemente nos liza.

OS INFERNOS ARTIFICIAIS
(2001)

MANUEL DE FREITAS

SUNNY BAR

SELECCAO DE RUI PIRES CABRAL

ALAMBIQUE

MANUEL DE FREITAS

SUNNY BAR

SUNNY BAR

MANUEL DE FREITAS



MANUEL DE FREITAS

SUNNY BAR

SELECÇÃO DE RUI PIRES CABRAL

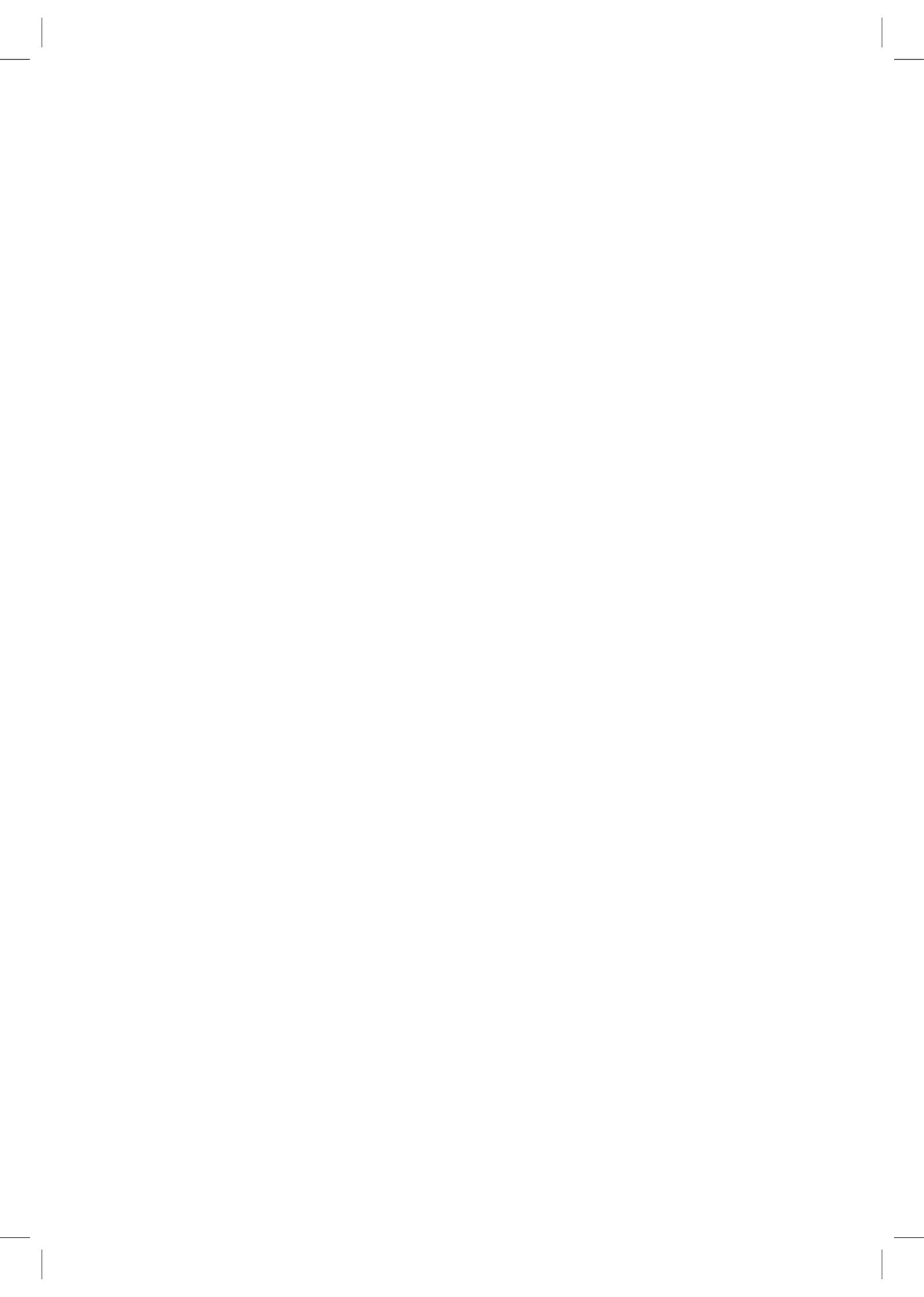
POSFÁCIO DE SILVINA RODRIGUES LOPES

ALAMBIQUE

2015



TODOS CONTENTES E EU TAMBÉM
(2000)



MEIA-ORELHA

Alguém te chama
das profundezas do barranco,
frágil promessa de vida
a que terás de renunciar.

Sabes que nem a beleza
te comove, já só te
importa a ruína do teu nome,
os vinhos que salvam
de não haver salvação.

Lembra apenas o perdido corpo
de quem te chama.

PRAÇA DA ALEGRIA N.º 11

Para falar de ti era preciso matar
a música, sentir-lhe o flanco
dilacerado. Eu não sabia que a tristeza
podia ser isto, uma doída febre de viver
ao teu lado, bebendo muito, sorrindo por vezes
de entre os destroços.

As minhas mãos tremem, tentando
esboçar a tua distância rebelde
às palavras — e não há ninguém para saber
que os violinos me sufocam, devagar.
Não fosses tu e pensaria que nunca há ninguém,
que bastam os cruéis violinos.

Mas a casa cresceu, encheu-se
de rumores vagos e desesperantes, artifícios
ou não do país impossível que quisemos escolher.
Este extremo deserto do corpo.

Quem diria afinal que o inferno era tão bom?
Suspeitaste-o talvez desde o início,
quando uma triste praça de Lisboa nos cumulava
de desabrigo. Eu já nada tenho a dizer
— abandonei as certezas numa taberna qualquer,
preferi-lhes vinhos fortes e deslumbrantes,
errâncias maiores.

Até por fim perceber que as lágrimas
não precisam dos olhos e que chorar
é apenas o modo
como o tempo docemente nos fuzila.

OS INFERNOS ARTIFICIAIS
(2001)



INSUFLÁVEL, O CORPO

Disse-o com o mais contente à-vontade
em frente às câmaras do impudor
diário: fizera à volta de trinta
cirurgias plásticas, descritas com primor,
com desenvoltura quase. Visíveis
e a gostarem de o ser
no forçado recuo da pele,
na ampla obscenidade da boca
afivelada a um sorriso perpétuo e inoportuno.
Remendos crassos da morte, logo depois
dos trinta («dos trinta e três», precisou).

Não falou de *estética*, nem de outros
valores igualmente vagos e altissonantes
que também circulam por vezes
em salões de beleza de um bairro qualquer.
O seu fito era simples, muito à flor
da pele pouco sua: «conhecer mais homens»,
fállicos acasos que gostassem dela
ou do investimento. Ser amada, em suma,
que é para isso que cá andamos todos, felizes
por distracção, desde que se fez luz a miséria.

Poder-se-ia pensar que tantas anestésias gerais
degeneraram por força em anestesia mental
(tinha a expressão correcta, os olhos brutos
e despovoados como um domingo em Lisboa).
Poder-se-ia pensar muita coisa — ou não fosse seu,
por insondável preço, o maior sorriso do mundo.

Poder-se-ia ainda dedicar-lhe este poema
— televisionado e sem graça nenhuma —

como um enxerto que lhe faltasse juntar
a todos os outros em que se foi *outrando*.

Mas um poema, mesmo que seja insuflável,
nunca salvou ninguém do seu corpo.
E é do corpo só que se trata.

ARTE DOMÉSTICA

Não procures saber por que é
que um corpo triste
é um pleonasma enorme. Deita-te
à sombra dos versos
como se as cidades fossem perdoáveis,
como se houvesse um nome,
esse nome fosse teu
e resplandecesse em sonora treva.

Despeja os cinzeiros com prudência
antes de o sono não te responder
e convoca o silêncio possível,
enquanto num televisor próximo
a guerra se adia e os olhos esmorecem.
Podes sempre fingir que não vês
nem ouves o céu sulcado de enjoo,
os gritos mortais das crianças.

Um dia na vida, alugado, apesar
do relógio da vizinha,
sempre tão certo, e do autoclismo
a pingar, também certo,
a dizer-te uma qualquer coisa nula
que deitas fora junto com os cigarros de ontem.

Tens tempo para o teu testamento,
esse último poema sem destinatário
(e não te perguntes o que irá o Estado
fazer com tanto Bach e família,
pois nessa altura estarás
finalmente surdo). Alegra-te

com o vento inerte de Junho, a saudar-te
entre latidos de cães alheios.

E, sobretudo, não procures nunca saber.

BILHETE POSTAL

Não sei o que pensaria Pessoa
do serviçal servilismo
destes empregados de mesa
que com uma alegre virilidade
cumprem o seu serviço. Desconheço
que íntimas palavras de sombra
em si fariam crescer certos bigodes monárquicos
que aqui se cruzam com o meu rosto imberbe
— ou os pormenores agora anacrónicos
de chapéus, almas e cortes de fato.
Talvez mais não lhes dedicasse
do que o açoite elegante da indiferença.
Ou talvez, pelo contrário, sofresse por eles
o sofrimento de que nem os próprios
— muito menos eles — sabem ser portadores.
A miséria, esse excelente denominador comum,
pode às vezes ser uma metáfora inexperiente,
a lágrima turva que polui um vinho demasiado literal.

Que importa? Também eu não sei
o que pensar ou sentir
perante esta obesa confraria de alcoólicos
fingidamente joviais (e nisso afinal sinceros).
O ritmo célere com que os copos de vinho
se vêm rendidos sobre o balcão
é decerto mais importante
do que saber as razões porventura insondáveis
que me aproximam ou afastam deste conluio
diário de taberna. «Um vício comum»,
garantirão mais tarde as estatísticas,
se a tanto trabalho se derem.

Mais vício menos vício, não fica longe daqui
o café onde se vende o melhor haxixe de Lisboa.
É debalde que procuro um motivo convincente
para não me deixar entorpecer um pouco mais
sob o sol inerte de Julho.

Até que a solidão se torne
uma soberania obscena e impessoal
e o corpo se confunda, num demorado requiem,
com as esquinas e becos imundos
desta cidade viva, a agonizar.

Por hoje estamos conversados.

NIGHTMARES ON WAX

Não era de novo um anjo
— apenas um motivo dúbio para
sair de casa, rebentar o corpo,
sentir a noite nos cornos.
Depois logo se via,
sem crime nem castigo,
à espera de um cigarro aceso,
de uma alma mais colada à pele.

«Rave on», disse ela. Mudam-se
as drogas, mudam-se as vontades.
Acaba por ser assim. E eu,
obrigado, desses que querem sempre
um infinito barato a emoldurar a morte,
por baixo ou por cima de instintos calcinados.

No passeio marítimo de Alcântara
um barco tinha o nome
que já nunca poderemos ter: *passageiro*
da utopia iluminado a charros
sob o palor da manhã. Restos de cadáveres
dançantes (se Brueghel visse isto,
meu Deus!) partilhavam connosco
uma alegria só deles, mitigada.

Mas vão-se aprendendo coisas,
entre decibéis gastos
no surdo advento do dia: calcular
o imprevisível, por exemplo cansado.
Ver numa taberna ainda escura